

Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais¹

Giana Lange Amaral

Resumo:

O texto tem por finalidade salientar a importância do estudo da cultura escolar presente nas instituições educacionais, assim como a importância de que seja ampliado o olhar sobre essa temática através dos periódicos estudantis que podem servir tanto como fonte ou como objeto de pesquisas no âmbito da História da Educação.

Palavras-chave: cultura escolar; instituições educacionais; impressos estudantis.

Abstract:

This text has a purpose to show the importance of the study of school culture in the educational institutions, as well as the importance of being increased the overview of this subject matter through the student's journals that can be source or purpose of surveys within the History of Education scope.

Keywords: school culture; educational institutions; student's journals.

¹ Este trabalho integra o Projeto "Imprensa Estudantil em Pelotas", desenvolvido junto ao CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - FaE/UFPel). Ele resulta, também, de algumas reflexões realizadas em meu projeto de tese doutoral junto ao PPGEdU/UFRGS - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço à análise e sugestões apresentadas pela Profa. Maria Aparecida Bergamaschi ao presente artigo.

1. Introdução

No Brasil, nos últimos anos, é nítida a influência da *Nova História Cultural* nos estudos em História da Educação. A História da Cultura, que já vinha ganhando terreno entre os historiadores dos *Annales* desde a década de sessenta, enfatiza a importância social, econômica e política da cultura. Tal fato acabou por provocar a redefinição e incorporação de novos problemas, objetos e temas de pesquisa no campo da História da Educação.

Dessa forma, passam a ser privilegiados como objetos de investigação as *práticas culturais*, seus *sujeitos* e seus *produtos*, tomados estes últimos em sua materialidade de objetos culturais. Assim, a ênfase nos processos de sua *produção*, *circulação* e *apropriação* passa a manifestar-se significativamente em alguns estudos relacionados a questões educacionais que vinham sendo relegadas pela produção historiográfica. Observa-se então que os grandes recortes temáticos de caráter prescritivo e justificadores do passado, perdem espaço para análises mais pontuais e delimitadas das práticas e dos produtos culturais.

Os “velhos objetos” de pesquisa, dentre eles as instituições educacionais, ganham nova roupagem, pois passam a ser vistos sob uma outra perspectiva de análise², mais interpretativa e menos descritiva e laudatória. Sem deixar de integrar as escolas no sistema educativo vigente e na comunidade à qual fazem parte, leva também em conta o fato de que os bens culturais são produzidos, postos a circular e apropriados pelos sujeitos envolvidos no processo.

Portanto, nos últimos anos, através dessa renovação teórico-metodológica no âmbito da História da Educação, o estudo das instituições educacionais vem ganhando espaço.³ São trabalhos que, acompanhando as inovações nos processos investigativos no campo da História – que privilegiam a temática regional, considerando as singularidades locais e institucionais - a partir de fontes escritas, orais e iconográficas, contribuem

² Nunes, 1992.

³ Apontando alguns exemplos de estudos ligados a essa temática, cita-se: NADAI, Elza. O Ginásio do Estado de São Paulo: uma preocupação republicana (1889-1896); LOURO, Guacira L. Prendas e Antiprendas: uma escola de mulheres; ABREU Alzira A. Intelectuais e Guerreiros: o colégio Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968; ANDRADE, Mariza G. Educação exilada: Colégio do Caraça; NOSELLA, P., BUFFA, E. Scholla Mater: a antiga escola normal de São Carlos - 1911- 1933; NOSELLA, P., BUFFA, E. A escola profissional de São Carlos; PERES, Eliane. “Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense; SOUZA, Rosa Fátima. Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910); MONARCA, Carlos. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes; CAMARGO, Marilena. “Coisas Velhas”: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958); Werle, Flávia. “Escola Complementar: práticas e instituições”. AMARAL, Giana. Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas.

na elucidação e compreensão da História da Educação Brasileira. Ao buscarem estabelecer o perfil de determinadas escolas, esses estudos enfatizam aspectos da cultura escolar, exploram questões didático-pedagógicas, político-ideológicas, étnicas e de gênero, em diferentes dimensões temporais e espaciais.

A partir dessa compreensão, ao proceder a análise das instituições educativas, convém que o pesquisador evite realizar um estudo histórico da instituição na sua totalidade. Ao invés disso torna-se mais interessante, estabelecer “recortes” que priorizem determinados períodos ou aspectos que delineiem as questões de pesquisa.

No entanto, saliento que determinar uma periodização não significa realizar rupturas absolutas ou desconsiderar as intrincadas e complexas relações que precedem os fatos. É necessário ter sempre presente a idéia de que as teorias e práticas de uma época específica resultam de acontecimentos anteriores que, muitas vezes, não podem deixar de ser analisados.

Eliane Lopes (1990) faz uma análise que considera o entrelaçamento entre passado-presente-futuro e toma de Merleau-Ponty a idéia de *pregnância*, que, segundo a autora, considerado o campo de semântica de tal palavra, aponta para uma penetração, mistura, permeação, fusão, fertilidade, fecundidade... Segundo ela, o passado deve ser considerado não como cristalização de imagens, mas como *pregnância*, já contendo a transformação, as mutações e as crises.

Seguindo essa lógica, os estudos das instituições educativas, embora necessitem de um recorte que sirva como balizamento, deixam de ser uma narrativa de fatos que estejam estritamente organizados em função de uma cronologia fechada, mas sim, inter-relacionados no tempo e no espaço. Há que se buscar em outros tempos e espaços, traços, pistas e sinais que auxiliem na explicação das singularidades estudadas.

Para tanto, deve-se buscar conexão com as múltiplas fontes primárias e secundárias que transcendem o estudo de estatutos, planos globais ou diretrizes que regem a escola. Esses não bastam para definir realmente a concretude da escola, que resulta das manifestações implícitas e explícitas das relações que se estabelecem no seu interior e das relações com o poder constituído, seja ele político, econômico, cultural, social, ideológico.

Nesse sentido, Nóvoa (1995) alerta que os processos de mudança e de inovação educacional estão diretamente ligados à compreensão das instituições escolares em toda sua complexidade técnica, científica e humana, sendo para isso necessária a sua contextualização social e política bem como a apropriação *ad intra* dos seus mecanismos de tomada de

decisão e das suas relações de poder. Esse autor nos lembra que *“as escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos actores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a acção educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia stricto sensu”*. (Nóvoa, 1995, p. 16).

Sendo assim, reforça-se a importância do estudo da *cultura escolar* focalizando partes da história de uma determinada instituição de ensino. Segundo Frago (1994, p. 5), *cultura escolar* deve ser entendida como um conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização, o que inclui *“práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos - história cotidiana do fazer escolar -, objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento... -, e modos de pensar, assim como significados e idéias compartilhadas”*.

A partir dessa compreensão, revela-se fundamental a ampliação e incorporação de fontes diversificadas e/ou pouco exploradas que possam fazer emergir as múltiplas faces da cultura escolar necessárias à construção do complexo objeto de pesquisa que é a instituição educacional.

Nesse sentido sugere-se a perspectiva de um sujeito a ser perscrutado: o aluno. Assim, tem-se a possibilidade de se trazer uma voz pouco escutada pelos pesquisadores, produzindo-se uma nova roupagem ao *“velho objeto”* que é a Escola. É o ator estudante que se manifesta, que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos, que passam a ser novas fontes e/ou objetos a darem visibilidade à produção estudantil.

Clarice Nunes (1992, p. 52) afirma que *“o espaço da criação de um novo objeto é menos um campo delimitado com precisão, embora estejamos a todo o momento procurando defini-lo, e mais a tessitura de uma estratégia de desvio que permita elaborar ângulos múltiplos de construção do próprio objeto”*. Os impressos estudantis, apresentados como fonte, podem representar uma possibilidade de recriação de um dos objetos intensamente abordados nas pesquisas em História da Educação, qual seja as instituições educacionais. Nesse sentido, Nunes (1992, p. 51) adverte que *“este velho objeto de investigação, as instituições educacionais, pode tornar-se novo aos nossos olhos na medida em que soubermos trazer à tona, na travessia da pesquisa, aspectos antes ignorados ou secundarizados”*.

2. Os impressos nas pesquisas em História da Educação

É fato que a análise dos impressos da área educacional tem se mostrado de importância significativa nos estudos de História da Educação. Isso vem provocando o interesse de vários pesquisadores na sistematização do conhecimento e das informações acerca dessas fontes.⁴ Os jornais, periódicos, boletins informativos, almanaques e revistas nos fornecem inúmeras possibilidades de leitura das várias dimensões da vida escolar, especialmente em relação ao espaço discente e docente. Eles representam importantes suportes materiais dos vários discursos que constituem as práticas escolares.

António Nóvoa, citando Pierre Caspard, afirma que a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo, pois ela nos revela *“as múltiplas faces dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas diversas instâncias de socialização das crianças e dos jovens”*. (1997, p.13). Esse autor ressalta a importância da produção da imprensa que, ao veicular debates, discussões e conflitos, facilita a compreensão da articulação entre a teoria e a prática.

Pode-se afirmar, então, que os impressos representam um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma determinada época. Eles mantêm uma relação intensa com a sua época, revelam, são produzidos e produzem tempos e espaços. Nesta perspectiva, eles tornam-se *“um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar”*. (Catani e Bastos, 1997, p. 5). Dessa forma, os impressos possibilitam uma leitura das manifestações contemporâneas aos acontecimentos e uma real aproximação dos discursos emitidos à época em relação ao projeto de sociedade, bem como sobre as instituições sociais e, dentre elas, sobre a escola. Tais fontes, que se caracterizam pelo seu caráter polêmico e por vezes passageiro, muitas vezes de reação às normas

⁴ Neste sentido destaca-se os estudos empreendidos por Pierre Caspard-Karydis et al. *La presse d'éducation et d'enseignement - XVIII siècle/1940*. Paris, INRP/Éditions du CNRS, 1981 e por António Nóvoa. *A imprensa de educação e ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993, sendo que ambos vem inspirando vários pesquisadores brasileiros a realizarem o levantamento de fontes impressas no campo educacional. No Brasil esse assunto recebe especial atenção em CATANI, D. e BASTOS, M.H.C. (orgs). *“Educação em Revista: Imprensa Periódica e História da Educação”*.

estabelecidas, representam um produto cultural de sujeitos específicos em um determinado contexto histórico.

Nesse sentido, Roger Chartier (1992, p. 18) enfatiza que os historiadores da cultura, ao se utilizarem dessas fontes, devem criar suas próprias estratégias para ler os textos com os quais trabalham, pois eles *“afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias”*.

Portanto, na utilização destes dados, deve estar sempre presente a compreensão de que o impresso não é neutro e imparcial diante dos acontecimentos, informações e concepções. Ele serve *“como instrumento veiculador e manipulador de interesses públicos/privados, políticos/empresariais, culturais/ideológicos. Como instrumento veiculador e manipulador, está, portanto, destinado a atuar na vida social”*. (Araújo, 1998, p. 65).

No entanto, ao materializar aspectos ideológicos que conferem a identidade de determinados grupos sociais, o impresso utilizado como fonte de pesquisa pode desencadear novas idéias que ampliam o sentido dos fatos estudados.

Nunca é demais lembrar que as fontes utilizadas em uma pesquisa devem ser intercruzadas e comparadas, não com o objetivo de buscar os fatos considerados *“verdadeiros”*, mas sim no sentido de perceber as diferentes versões para os acontecimentos. Desta forma, abre-se a possibilidade do surgimento de aspectos subjacentes aos registros oficiais, criando-se novos caminhos que conduzam, tanto à busca de outras fontes, como também à própria interpretação dos achados.

É importante também levar em conta, quando possível, os aspectos formais das fontes, realizando a *“arqueologia dos objetos culturais”*, concebidos como discursos que informam os valores subjacentes à educação. Esses discursos articulados nos documentos devem ser compreendidos como *práticas de representação* e, como tais, são perspectivadas por uma posição determinada: a do sujeito que as produz enquanto também nelas se produz. (Chartier, 1990).

Sem dúvida, a imprensa representa um espaço aberto às contradições e lacunas sustentadas pelos interesses que a legitimam. No entanto, muitas são as vozes silenciadas. Cabe ao pesquisador perscrutá-las, e através de uma leitura crítica, viabilizar novas percepções do texto. É necessário, portanto, que ao fazer uso dessa fonte, se esteja munido de um olhar bastante crítico, atento às condições de produção e aberto às possíveis distorções que possam estar contidas nas análises dos acontecimentos.

3. A utilização dos impressos estudantis como fonte de investigação da cultura escolar

As pesquisas em História da Educação têm considerado os impressos, especialmente os periódicos destinados aos docentes uma instância privilegiada para a investigação dos modos de funcionamento do campo educacional bem como da formação da identidade do professor. Isso se justifica pelo fato de que tais impressos têm por finalidade precípua orientar a prática cotidiana docente no que se refere a sua atuação profissional, aos programas, conteúdos e didática das disciplinas. Através desses impressos é possível inferir aspectos da organização dos sistemas de ensino, informações sobre o trabalho docente (de forma especial os debates e as polêmicas sobre os saberes e as práticas pedagógicas) bem como anseios da categoria profissional do magistério.

Por sua vez, provavelmente pela inconstante periodicidade, dificuldade de acesso ou, quem sabe, por questões relativas à “qualidade” dos textos que são produzidos, os impressos estudantis não têm recebido a devida atenção dos pesquisadores, embora sejam, também, uma fonte de pesquisa em potencial. Eles nos fornecem configurações específicas da vida e da cultura escolar, onde se pode constatar denúncias, expectativas e idealizações (principalmente dos alunos) referentes à educação e ao cotidiano das escolas.

Em determinadas épocas, por serem considerados subversivos, são inúmeras as histórias de apreensão desses impressos, bem como de denúncias e perseguição aos envolvidos em sua elaboração. O caráter “não oficial” desses periódicos assim como, via de regra, sua irreverência e crítica através, principalmente, de representações satíricas e caricaturizadas da sociedade, da escola, de professores e de alunos faz com que não constem no acervo documental das instituições escolares. Quando muito encontram-se “escondidos” em algumas gavetas dos grêmios estudantis.

Embora se saiba que alunos de determinadas escolas, desde fins do século XIX, editaram vários periódicos⁵, é interessante salientar a profusão de impressos estudantis que circularam em várias cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1960. A explicação para tal fato deve ser buscada no contexto brasileiro da época, em que é crescente a participação social e política dos estudantes. Ressalta-se, também, que neste período a imprensa ainda representava um espaço fundamental como meio de comunicação social. Ela esteve aí, talvez como em nenhuma outra época, a serviço de interesses das mais diversas instituições e grupos sociais.

⁵ Cf. Catani, 1994, p. 66 e 67

Os periódicos estudantis, em sua maioria, eram produzidos pelos grêmios de alunos das escolas, embora se tenha notícias da existência de muitos jornaizinhos, com duração efêmera, que surgiram da iniciativa individual de determinados alunos ou turmas específicas.

De uma maneira geral, nesses impressos é possível observar-se valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados.⁶

Nesse sentido observa-se, por exemplo, a apresentação de muitos textos a respeito de questões comportamentais, político-ideológicas, filosóficas, isto em tom poético, patriótico ou satírico, produzidas tanto pelos alunos como pelos colaboradores e que deixam transparecer normas de conduta na ação dos indivíduos.

Nos periódicos estudantis costumam ser abundantes as caricaturas, sátiras e anedotas. Através desse material humorístico pode-se apreender, também, muito sobre os costumes vigentes na época bem como a representação social da escola, dos professores e dos próprios alunos.

É preciso que se ressalte o fato de que os impressos estudantis podem ser, além de fonte, objeto de investigações, uma vez que se constituem em suportes materiais de discursos múltiplos que se configuram como dispositivos de constituição de práticas escolares, de controle e produção da cultura escolar (Chartier, 1990). Sua análise possibilita o contato com conteúdos e dispositivos textuais que configuram práticas de leituras dos alunos e que, indubitavelmente, traduzem uma certa conduta e um comportamento desejável (e às vezes indesejável) por parte das diversas instituições educacionais.

Dessa forma, sobre esse material podem ser levantadas, entre outras, questões como: período, regularidade e âmbito de circulação (repercussão

⁶ A pesquisa que venho realizando como base para a elaboração de minha tese doutoral aborda aspectos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas entre as décadas de 1930 e 1960. Nela é enfatizada a *participação discente* de duas escolas: o Colégio Pelotense e o Colégio Gonzaga. O primeiro, uma instituição pública que apresentava forte influência dos ideais maçônicos, positivistas e laicistas e que era destinada ao que se pode considerar os "segmentos médios da sociedade". O segundo, uma instituição de ensino católica, a priori, destinada aos filhos das famílias mais abastadas e/ou tradicionalmente católicas.

Nesse período, essas escolas apresentavam relações declaradamente pouco amistosas, especialmente entre os alunos. Ambas defendiam, junto à comunidade pelotense, diferenciadas posturas ideológicas, às quais estavam atreladas desde a sua criação e, no campo educacional, refletiram, também, uma disputa que ocorria em nível nacional entre os defensores do ensino público e do ensino privado - via de regra, católico.

Na análise que venho fazendo dos impressos estudantis dessas duas instituições são claramente observáveis as características da cultura escolar inerente a cada uma delas. Portanto, a análise dos impressos estudantis torna-se fundamental neste período, quando a nítida oposição que havia entre valores vinculados ao ensino católico e ao ensino laico (não confessional), alicerçou toda uma rivalidade entre os alunos das duas instituições educacionais.

nas escolas e na cidade), forma de distribuição (se era gratuito ou não), tiragem, formato (tamanho dos jornais e disposição do conteúdo e das seções), estilo tipográfico (disposição das colunas, formato das letras), número das edições, número de páginas, editores responsáveis, propagandas, conteúdo (denúncias, expectativas e idealizações), orientação (vigilância) fornecida pela escola sobre a produção, estratégias de desvio dessa orientação, *apropriações culturais dos* que escreviam nesses jornais.

A constatação da importância da imprensa estudantil nas pesquisas em História da Educação levou a constituição do projeto “**Imprensa Estudantil em Pelotas**” que vem sendo desenvolvido junto ao CEIHE (Centro de Estudos e Investigação em História da Educação – FaE/UFPel). Este projeto busca *localizar, periodizar e analisar os impressos estudantis* que circularam na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, das primeiras décadas do século XX até a década de 1960, nas escolas públicas, particulares, confessionais e profissionalizantes. Sua finalidade é, também, organizar o material disponível de forma a possibilitar o acesso de pesquisadores aos impressos estudantis, o que esperamos, possa contribuir para enriquecer os conhecimentos sobre as questões educacionais no âmbito municipal.

A cronologia adotada no projeto se justifica em função de que os primeiros impressos estudantis aos quais se teve acesso começaram a circular na década de 1930⁷ e foram produzidos em profusão nas diversas escolas da cidade até a década de 1960, quando, em função do regime militar imposto ao país, as atividades estudantis passam a ser cerceadas e/ou monitoradas.

A busca do material a ser pesquisado vem-se efetuando em diversas escolas da cidade, uma vez que era praxe que os grêmios de estudantes trocassem entre si os jornais que elaboravam. Mas, como essa fonte historiográfica muitas vezes não chega a ser considerada um documento a ser preservado, pouco resta dessa produção estudantil. Têm-se buscado, então, chegar até essa documentação através do contato com pessoas ligadas à produção dos periódicos e que os mantêm como acervo de suas memórias pessoais. Com esse objetivo, além do contato direto com aqueles que podem disponibilizar esse material, pretende-se lançar mão da própria imprensa

⁷ Embora ainda não se tenha tido acesso, sabe-se que no Colégio Gonzaga, segundo Parmagnani J.J.e Ruedell (1995), circularam, entre outros, os seguintes jornais estudantis: “**O ensaio**” escrito em 1914 por Tristão V. Nunes Vieira; “**O Pagode**”, de 1933, dirigido por Alvacir Collares; “**O Centrista**”, que circulou de 1937 a 1939 e foi dirigido por Raul Cohen (aparecendo na última fase com o nome “**Vida**”); “**O Alvorecer**”, de 1937, dirigido por Mário Elísio de Freitas; “**O Estudante**”, de 1942, dirigido por Ney Maciel e Amílcar Gigante; “**O Gonzagueano**”, fundado em 1942 por Luiz Carlos Barbosa Lessa e que circulou até 1943; “**O Estudante**”, também de 1942, fortemente combatido pelo “**Gonzagueano**”. Estes jornais, em sua maioria recebiam total apoio e orientação dos professores e diretores desta instituição de ensino.

jornalística local para divulgar esse projeto de estudo e o interesse em localizar-se os impressos estudantis desse período.

Sem a preocupação de utilizar-se metodologias ligadas à análise de conteúdo ou de discurso, pretende-se apontar o conteúdo desse material, o contexto e os responsáveis por sua produção. Serão levantados, também, fatores como a duração média das publicações, sua regularidade e periodicidade.

Até o momento foram encontrados os seguintes periódicos estudantis que circularam na cidade no referido período:

- Complementarista - Escola Complementar de Pelotas.
- O Normalista - Escola Normal Assis Brasil.
- O Margaridense - Colégio Santa Margarida
- Ecos Gonzagueanos - Colégio Gonzaga
- Ecos da Mocidade Rural - Escola Agrotécnica Visconde da Graça
- O São José - Colégio São José
- Folha Estudantil - Colégio Salis Goulart
- Estudante - Colégio Municipal Pelotense

Como já disse antes, os alunos não são os únicos colaboradores destas publicações periódicas. Pode-se observar muitas manifestações de professores, diretores de escolas, homens e mulheres da comunidade, leigos, religiosos, associações e instituições que expõem seus anseios, suas preocupações sociais, seus antagonismos e filiações ideológicas, suas experiências concretas e perspectivas futuras em relação às práticas escolares.

Considerações finais

Com este texto busco salientar a importância do estudo da cultura escolar presente nas instituições educacionais, assim como a importância de que seja ampliado o olhar sobre esta temática através dos periódicos estudantis. Esses periódicos, dificilmente disponíveis no acervo documental das escolas, podem servir tanto como fonte quanto como objeto de pesquisas no âmbito da História da Educação, fazendo emergir a produção e participação de um sujeito ainda muito pouco estudado em pesquisa histórico-educacionais: o aluno, conferindo outra visibilidade e, portanto, outro desenho das instituições educacionais.

Ressalto a importância de investigações que levem à compreensão da escola na sua individualidade, inter-relacionada com o contexto onde se insere, mas com características internas específicas, onde as inovações que podem e devem implementar-se são, também, parte de sua história. Nesse

sentido, Werle (2001) oportunamente nos lembra que o passado das instituições educacionais não pertence apenas à instituição, mas à sociedade em que ela se encontra.

É inegável que todo grupo social que esquece o seu passado, que apaga sua memória, acaba por perder sua identidade, tornando-se uma presa fácil das artimanhas das relações de poder. Certamente a compreensão do presente é incompleta sem a inserção do passado, da experiência vivida e consolidada. Portanto, o presente acaba perdendo o sentido se não se tem, na consciência histórica, um instrumento para a construção do futuro.

Bibliografia

- ABREU, Alzira Alves de. *Intelectuais e Guerreiros: O Colégio Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992.
- AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações, 1999. (Série História da Educação em Pelotas, nº 1).
- ANDRADE, Mariza Guerra de. *A educação exilada – Colégio do Caraça*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUFFA, Ester, NOSELLA, Paolo. *A escola profissional de São Carlos*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- CAMARGO, Marilena. “Coisas Velhas”: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- CATANI, Denice. *Perspectivas de investigação e fontes para a História da Educação Brasileira: a imprensa periódica educacional*. In: *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. São Paulo, 1994.
- CATANI, Denice e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). *Educação em revista – a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. *A operação histórica*. In: LÊ GOFF e NORA, Pierre (orgs.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.
- FRAGO, Antonio Viñao *Del espacio escolar y la escuela como lugar: propuestas y cuestiones*. *Historia de la Educación*, v. 13-14, p. 17-74, 1993-1994.
- LOPES, Eliane Marta T. *Uma Contribuição da História para uma História da Educação*. Em *Aberto*, Brasília, 9 (47) jul/set. 1990

- LOURO, Guacira Lopes. *Prendas e antiprendas: uma escola, de mulheres*. Editora da Universidade, UFRGS, 1987.
- MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas - entre a Memória e o Arquivo*. Universidade do Minho (mimeo), 1996.
- MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- NADAI, Elza. *A educação como Apostolado: história e reminiscências (São Paulo 1930-1970)*. Tese de livre docência em Educação (mimeo). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1991.
- NOSELLA, Paolo, BUFFA, Ester. *Schola Mater: A Antiga Escola Normal de São Carlos*. São Carlos, São Paulo, SP: EDUFCar, 1996.
- NÓVOA, Antônio (org.). *As Organizações Escolares em Análise*. 2ª ed. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, António. *Inovação e História da Educação*. Teoria & Educação. Dossiê: História da Educação, nº.6, p.210-220, 1992 Porto Alegre: Pannonica Editora.
- NUNES, Clarice. *História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos*. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, 1992
- PERES, Eliane Teresinha. *Templo de Luz: os Cursos Noturnos masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)*. Porto Alegre, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFRGS, mimeo, agosto de 1995.
- SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- WERLE, Flávia Obino Corrêa. *Identidade institucional: papel dos gestores na preservação da história institucional*. In: ANAIS DO VII ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. "Pesquisa em História da Educação: perspectivas comparadas". ASPHE. Pelotas, 03 e 04 de maio de 2001.p.301-317.

Giana Lange Amaral é professora do Colégio Municipal Pelotense, doutoranda do PPGEduc/UFRGS e pesquisadora do CEHIE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação – FaE/UFPel). Publicou o livro “O Gymnasio Pelotense e a maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas”. Pelotas: Seiva, 1998. Atualmente desenvolve a pesquisa “Gatos Pelados e Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas”.

Endereço: Rua Gen. Telles, 863, apto. 301, bloco B - Pelotas, RS - CEP 96010310.

E-mail giselaab@etfpel.tche.br